

Artes: *Desenhos de Landseer são vendidos por US\$ 1,2 milhão* • 3

SEGUNDO CADERNO

Livro: *Maurício de Souza escreve memórias aos 40 anos de carreira* • 8

SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 1999

Arte sobre foto de arquivo



DORIVAL CAYMMI num encontro, em 1966, com João Gilberto: ele lembrou de quando ouviu pela primeira vez uma canção de Dorival, aos 12 anos, no alto-falante de sua Juazeiro natal, às margens do São Francisco

Uma ode ao mestre

João Gilberto escreve poema para o amigo Dorival Caymmi, que completa 85 anos hoje

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

Comemorando, hoje, 85 anos muito bem vividos, Dorival Caymmi conversou com O GLOBO lembrando de sua formação e de seu envolvimento com a música. Durante a entrevista, realizada, anteontem, em seu apartamento, em Copacabana, um telefonema de seu conterrâneo João Gilberto funcionou como um presente antecipado. Emocionado, no outro lado da linha, como Caymmi contou depois, João lembrou de quando ouviu pela primeira vez uma canção de Dorival, aos 12 anos de idade, no serviço de alto-falante de sua Juazeiro natal — cidade às margens do Rio São Francisco.

Ontem de manhã, em outra conversa por telefone — o seu meio de comunicação preferido, depois da música — João Gilberto leu o poema que fez especialmente para homenagear Caymmi nesta reportagem do GLOBO — publicado ao lado.

Além de ambos terem nascido na Bahia, o trajeto dos dois têm outros pontos em comum. O impacto do trabalho de Dorival Caymmi na música popular brasileira, a partir do fim dos anos 30, quando chegou ao Rio e foi gravado por Carmen Miranda, é similar ao efeito que a gravação de “Chega de saudade” (Tom Jobim e Vinicius de Moraes) por João Gilberto exerceu sobre a geração dos anos 60, de Caetano Veloso, Gilberto

Gil, Chico Buarque e Edu Lobo. No seu primeiro LP, no entanto, João Gilberto também fez questão de mostrar sua ligação com a obra do mestre Caymmi, cantando o samba “Rosa Morena”.

Versão que, em 1959, chamou a atenção do sempre exigente compositor. Hoje, 40 anos depois, Caymmi lembra dos primeiros contatos com aquele jovem cantor e violonista.

A revelação solo do “Garoto da Lua”

— João Gilberto era de um conjunto, Garotos da Lua, que trabalhava na mesma rádio que eu, a Tupi — lembra Caymmi. — Eu não reparava muito nele, nem no violão que ele tocava. Ele não fazia nada para aparecer. Eu só sabia o nome do conjunto. Tempos depois estava se iniciando um negócio que ia se chamar bossa nova. O Aloysio de Oliveira, que já estava trabalhando na Odeon e procurava por novos talentos para a fábrica, me chamou para ouvir um acetato, acho que era um teste, e me perguntou se eu tinha idéia de quem estava cantando. A música era “Chega de Saudade”, um samba gostoso, uma beleza, de Tom Jobim, que eu não conhecia ainda, e Vinicius de Moraes. Era cantada de uma maneira assim muito suave e com um ritmo excelente. Aloysio olhava pra minha cara esperando a resposta, insistia pra que eu adivinhasse quem era o cantor. Eu não conseguia reconhecer aquela voz mas achei o ca-

MEU DORIVAL CAYMMI

Amo você desde menino. Você é imenso, único. Obrigado por tudo. Agora cantamos pra Deus proteger-te. Um beijo carinhoso, João

Poema de João Gilberto para o seu mestre Dorival Caymmi, escrito para publicação exclusiva no GLOBO

marada um fenômeno. Então ele disse: “É Joãozinho!”

Caymmi não ligou o nome ao vocalista dos Garotos da Lua e nem reconheceu a voz mesmo quando Aloysio tocou novamente o acetato.

— Eu só o conhecia no grupo, não sabia que ele cantava solo, não tinha idéia de como era a voz dele, aí eu disse: “Aloysio você descobriu uma mina de ouro!”

Mina de ouro que sempre soube garimpar preciosidades da música popular brasileira. João Gilberto nunca aceitou se restringir ao rótulo de cantor bossanovista. E, ao lado da canções de Jobim, Vinicius, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli, entre outros, sempre buscou velhas pérolas do samba.

— Quando João começou a gravar minhas músicas foi muito importante. Ele me telefonava, tão seguro e perfeccionista que era, e cantava as músicas perguntando se as letras es-

tavam certas, se as melodias eram exatamente aquelas. Um dos poucos da nossa profissão que teve o respeito, o cuidado de saber como o autor compôs, letra e música.

Ainda nas lembranças de seu contato e imediata sintonia com a bossa nova, Caymmi conta também como conheceu Tom Jobim:

— O encontro com o Tom eu devo a Marino Pinto, que me apresentou a um rapaz bem apessoado e discreto. Estava descansando no Café Simpatia, na Avenida Rio Branco, e Marino veio chegando acompanhado de um rapaz magro de roupa clara, sem gravata, e disse: “Caymmi, esse camarada aqui é um talento, já falei dele pra você?” Eu não podia imaginar nunca que aquele rapaz, que já tocava na noite que eu não freqüentava muito, seria o Tom Jobim, essa fera que está por aí deixando essa lembrança constante.

As primeiras canções de um lapidador de sons e palavras

Lembrança puxa lembrança e Caymmi vai mais fundo no passado, relatando seus primeiros passos como compositor.

— A minha primeira música, um samba com um tema regional, foi lembrada há pouco tempo por um amigo meu, Marcelo (*cantarola*): “Lá no sertão nasce a vida/E a alegria no coração”. Eu ia botando os versinhos à maneira do que eu ouvia nas formas das canções gravadas nos discos que vinham do Rio de Janei-

ro. A forma era medida: estribilho, dois versos e pronto, estava feito o tempo da canção, mais ou menos dois minutos. Tomei gosto e descobri que podia fazer música e versos.

O talento precoce não passou despercebido. Caymmi foi ouvido por um músico da Rádio Comercial, em Salvador, um senhor com idade para ser seu pai.

— Ele vinha me observando há algum tempo e percebia em mim um talento para escrever letras. Queria que pusesse letra numa valsa dele. Fui lá, com ousadia e curiosidade. Ele era saxofonista, tocou a melodia e decorei e escrevi a letra. Foi minha primeira aventura profissional.

Ele chegou ao Rio de Janeiro, em 1938, com intenção de estudar advocacia. Mas, um ano depois, Caymmi confirmaria o dom e o desejo de fazer música.

— Braguinha me levou ao Wallace Downey, que procurava uma música que falasse de Bahia, para substituir uma do Ary Barroso, que tinha cobrado muito caro. Assinei o contrato de 100 mil réis na presença de Mario Lago. Perguntei para onde era, me disseram que era para sair num filme e quem ia cantar era Carmem Miranda! — conta. — Quem me levou para conhecê-la foi Almirante. Ela me achou muito garoto e disse: “Eu quero ouvir a música cantada por ele!” Toquei com o ritmo todo rasqueado, gostoso, todo mundo achou uma loucura! *Continua na página 2*

UMA ODE AO MESTRE • Continuação da página 1

No início, o encontro entre o clássico e o popular

Na feliz convivência com a mulher Stella e os filhos Dori, Danilo e Nana, reside o segredo da eterna juventude de Caymmi

Desvendar a origem da obra de Dorival Caymmi é entrar fundo na história da MPB. Percorrer encontros memoráveis com Braguinha e Orlando Silva na época áurea do rádio, notar sua afinidade com os filhos e mergulhar na semente de suas canções são tópicos profundos na vida do compositor de “Maracangalha”.

• **ORIGENS:** “Tanto do lado paterno quanto materno havia tendência pela música. Na música da sala de visitas quem mandava era o piano. Todo mundo tinha piano, tinha aquela estante com partituras de Chopin e peças clássicas mais populares, como as de Strauss. Isso do lado paterno, por causa da origem italiana. A música materna era a popular, do violão, do bandolim. Na sala lá de casa tinha um bandolim à maneira napolitana, com um laço, que ficava em cima de uma almofada, era chique”.

• **VOCAÇÃO:** “O que eu aprendia de ouvido não tinha nada a ver com o que se executava. Era tudo na base da intuição. Então, instintivamente, a música foi nascendo. Fui observando os acordes, aprendi muito com os que sabiam violão. Eu ficava fascinado com as regras básicas de harmonia. Acho que tinha vocação para investigação, para saber se algum acompanhamento estava ‘de bem’ com a melodia. Eu estudava nos métodos de violão e sentia que podia alterar alguma coisa, não sei explicar por quê. Talvez uma necessidade de fugir do lugar comum. Meu pai dizia, às vezes, que os acordes que eu fazia estavam ‘desentoando’ e eu não sabia dizer nada, apenas fazia por puro instinto. Mas continuava usando os métodos para exercitar ritmos como a valsa, que eu chamava de ‘besta é tu, besta é tu’ para marcar o tempo, os sambas, o maxixe com aquele remexexo gostoso que costumava ver nas festas de família. A minha música veio da rua, da palma, do pé, a música popular”.

• **RÁDIO:** Quando surgiu o rádio foi uma sensação, as famílias se juntavam para ouvir, começou o sucesso da música e também dos locutores. Surgiram as primeiras estações da Bahia, a Rádio Sociedade, a Rádio Comercial e a Rádio Clube. Uma vez estava com um



Leonardo Aversa

DORIVAL CAYMMI delimita sua origem: “A minha música veio da rua, da palma, do pé, a música popular”

amigo de infância muito querido, Zezinho, tínhamos a mesma idade, 16 anos, vímos os letreiros da Rádio Clube da Bahia e resolvemos entrar para ‘ver por dentro’. Entramos numa sala com um piano, um microfone num pedestal e umas cadeiras postas de uma maneira formal. Então chegou um moço dizendo se chamar Viví e

que era diretor da rádio. Perguntou se estávamos gostando e nos levou para conhecer as instalações. Depois quis saber se um de nós sabia cantar e eu, timidamente, disse que sim. Como não havia um violão por perto, o tal do Viví chamou um pianista estrangeiro que estava de passagem pela cidade para me acompanhar no

teste. Escolhi uma canção famosa de Francisco Alves, que não me lembro agora, e Zezinho foi lá para a cabine me escutar. Quando acabei de cantar ele veio na minha direção impressionado, dizendo que eu cantava igualzinho a Francisco Alves. Pena que não tinha ainda gravação para registrar. Passei a gostar do rádio”.

• **RIO DE JANEIRO:** “Em 1937 pedi licença a papai para vir ao Rio de Janeiro. Há muito tempo eu tinha vontade de vir para cá. Imaginei que poderia sobreviver de bico em jornal, que eu já conhecia, havia trabalhado durante um período no ‘Imparcial’, de Salvador. Vim com o troco dos 500 mil réis que papai me deu com muito sacrifício, tirando a passagem e a mala. A primeira pessoa do meio de música que conheci aqui me foi apresentado por um contraparente que costumava me orientar na cidade. — Sabe quem era? Assis Valente. Foi um susto ! Ele era dentista, protético, tinha um laboratório com muitos empregados na Rua da Carioca. Fui lá pegar uma capa de violão emprestada porque o meu eu trouxe da Bahia sem capa. Eu ia na Rádio Tupi para uma entrevista com Teófilo de Barros Filho. Ele gostou do meu canto e disse que não podia me contratar mas me pagaria um cachê a cada vez que eu cantasse. Uma vez ele chamou um senhor para me ouvir, eu toquei e ele perguntou: ‘A música é sua ?’ Eu disse que sim. Foi outro susto. Era Assis Chateaubriand, dono daquilo tudo ali...”

• **O QUE É QUE A BAIANA TEM:** “Um dia chegou um grupo baiano para tocar na Rádio Transmissora. Resolveram me convidar e me tiraram da Tupi me oferecendo um salário maior. Quando cantei uma música que tinha feito na pensão, chamada ‘O que é que a baiana tem’ foi uma sensação. À medida que cantava nos programas, meus cachês eram maiores e comecei a ver nomes conhecidos no auditório, olhando pelo vidro, interessados em saber quem era que cantava essa música da Bahia. Tinha o Braguinha, Orlando Silva, entre outros”.

• **MARACANGALHA:** “Era o nome de um lugar de porto, de rio, na zona canavieira do Recôncavo Baiano. Era onde chegava a cana que vinha do interior para ser moída na usina. Quando os burros chegavam com a carga de cana, os operários tiravam aquelas ‘cangalhas’, aqueles canteiros elegantes que os burros carregavam para descarregar a cana e preparar os burros para uma nova viagem de volta para o inte-

rior. Então a cangalha é o nome mais aproximado. Me explicaram na época que havia um inglês que mandava na usina e que dava ordens aos empregados para amarrarem as cangalhas nos burros. O samba ‘Maracangalha’ nasceu de uma história engraçada que se passava com o meu amigo de infância e compadre Zezinho. Às vezes ele dormia fora de casa e eu ficava curioso para saber qual justificativa ele dava à Damiana, sua mulher. Ele dizia: ‘ Eu tenho! Digo que vou para Maracangalha.’ E eu perguntei: ‘Mas o que é Maracangalha ?’ ‘É um lugar que tem aí onde eu faço negócios com sacos de açúcar. Quando ela pergunta, digo que vou para lá negociar. Maracangalha nasceu de Zezinho, dessa conversa dele de enganar minha comadre”.

• **OS FILHOS E A MÚSICA:** “Dori é sempre da pesquisa, da experiência, do acorde. Não é sofisticado, ele é técnico. Procura fazer o certo, os ritmos. É um ouvires do negócio. Fica ali cuidadosamente polindo, burilando, arrumando... Isso é o Dori. Já Danilo é mais espontâneo não só quando faz uma canção, uma melodia com letra ou pura. No cantar mesmo aparecem nuances na voz que nem ele espera. Às vezes ele coloca a voz onde pensa que não vai conseguir. É o feito do Danilo... Nana tem disso também e tem a vantagem de ter herdado muito da mãe, a nossa Stella, o rigor com a melodia, o compasso, a dinâmica da canção. Ela pode cantar pensando na letra mas tem um cuidado todo especial com a linha melódica. A cada vez que desabrochava num filho esse toque de entender o que eu estava fazendo em termos de música, para mim foi um dos pontos de felicidade nesses 59 anos de casado. Lembro-me do Danilo rapazinho sentado na porta da cozinha do apartamento, tocando uma música diferente que ele estava compondo, e Stella perto, de costas, debruçada sobre a pia (*nesse momento Dorival pega o violão e toca ‘Andança’*). De repente Stella se virou pra mim, que estava do outro lado e me deu aquele sorriso de cumplicidade. ■

MARIO ADNET *é compositor e arranjador*

Leny Andrade é a homenageada do Troféu Eletrobrás

Cantora vai receber o prêmio hoje, com show ao meio-dia no Rival

Hoje é um dia festivo para a longa carreira da cantora Leny Andrade. Logo mais, às 12h30m, ela receberá o Troféu Eletrobrás de MPB, no Teatro Rival. Em sua sexta edição, o troféu foi instituído para valorizar os artistas que enriquecem a música popular brasileira, já tendo premiado anteriormente Paulinho da Viola, Dona Ivone Lara, João Bosco, Elza Soares e Jorge Benjor.

— Me dá muita alegria ser reconhecida em meu país — diz a cantora que, comemorando 42 anos de carreira, vive há seis anos entre os EUA e o Brasil.

Cantora está com agenda cheia no exterior

Conhecida como “a primeira dama da música brasileira” nos EUA, ela tem agendados novos compromissos no exterior:

— Vou terminar meu disco de boleros em Caracas, na Venezuela, com arranjos de Chucho Sanoja, que tem estilo parecido com o de Gil Evans. Em junho, cantarei em Washington, com Charlie Byrd e Herbie Mann.

Hoje, durante a cerimônia da entrega do troféu, a cantora também será entrevistada.

— Mas tudo vai acabar em música. Vou cantar oito ou dez canções do meu repertório num contexto mais intimista que o habitual. (*José Domingos Raffaelli*) ■

Saramago critica falta de amor ao próximo

Escritor, homenageado em SP, diz que ser humano é amputado espiritualmente

Adriana Blak
SÃO PAULO

Cerca de 750 pessoas lotaram o auditório do Sesc-Vila Mariana, na noite de anteontem, para o evento “Encontro com Saramago”. Além da leitura da peça “O evangelho segundo Jesus Cristo” — baseada no livro homônimo do escritor e que deve estrear em outubro na capital paulista — e de uma leitura de um texto do Nobel de Literatura feita pelo cantor e compositor Chico Buarque, o destaque da noite foi mesmo o homenageado. Em seu longo discurso, que durou uma hora, José Saramago emocionou a platéia — que teve na primeira fila uma sorridente Pilar del Rio, sua mulher — falando sobre o homem e a falta de respeito com o próximo, criticando duramente a Declaração dos Direitos Humanos — “Só sobrou um documento que, na prática, não vale nada” — e as guerras:

— O ser humano é amputado espiritualmente. Nosso grande drama está na incapacidade que temos mostrado de cultivar o simples respeito humano. As religiões não deveriam ser, como são, obstáculos para que as pessoas se entendessem.

Elogios à interpretação de Mamberti para Deus

Sentado ao lado de Chico, o escritor português assistiu depois à atuação dos atores Sérgio Mamberti, Odilon Wagner, Tuca Andradá, Júlia Catelli e Ricardo Tauí. A



Sergio Andrade

CHICO BUARQUE e José Saramago durante a homenagem no Sesc: emoção

montagem, que terá direção de José Possi Neto, será a primeira adaptação teatral de uma obra do escritor no mundo.

— Foi uma honra ter feito a leitura para ele — disse Odilon, intérprete do Diabo.

No final do evento, já nos bastidores do teatro, Saramago foi elogiar Sérgio Mamberti pela sua

forma de interpretar Deus.

— Ela me surpreendeu, seu Deus é de um cinismo atroz. E olha que eu coloquei cinismo, mas não pensei que chegasse a tanto — disse Saramago a um emocionado Mamberti.

Depois da leitura teatral, Chico Buarque subiu ao palco para ler crônica “A velha senhora dos ca-

nários” do livro “A bagagem do viajante”. O compositor fez o público gargalhar, ao contar como escolheu o que iria ler:

— Dei mil voltas para chegar até aqui. Estou procurando o que ler desde o mês passado, o que me deu o prazer de reler vários romances de Saramago. A minha tendência era ler o romance inteiro. Porém, reconhecendo as minhas limitações de leitor, acho que fiz bem em escolher uma crônica, que é mais simples, com começo, meio e fim.

Escritor diz ter menos interesse em falar de literatura

Apesar do tom contundente que marcou seu discurso sobre humanidade e respeito, Saramago também proporcionou momentos divertidos, como quando disse estar cada vez menos interessado em falar de literatura:

— Parece até conversa de pregador (risos), mas sendo eu escritor, cada vez me interessei menos em falar do que eu faço.

E foi um sinceramente emocionado Saramago que agradeceu a homenagem recebida na noite.

— Devo ter surpreendido por não ter falado de livros, mas falei de algo onde a literatura está, e ela está dentro das nossas vidas. A literatura passou por aqui através da crônica lida pelo Chico e do trecho lido pelos atores, que me deram a alegria de ouvir aqui palavras que são minhas. Este foi um encontro com uma pessoa chamada José Saramago e não com o escritor. ■

Artistas plásticas vão pedir embargo de obra de Holzer

Projeção de textos em pedras do Rio é tida como poluição visual

As projeções que Jenny Holzer pretende fazer nas pedras do Rio já estão causando polêmica. A artista plástica americana chega hoje à cidade e já pode encontrar uma ação judicial pedindo o embargo de suas frases luminosas, que seriam projetadas em lugares como a pedra do Arpoador e o Morro Dois Irmãos entre os dias 7 e 9 de maio. As artistas plásticas Claudete Caparó, diretora do Centro Cultural Retiro das Artes, e Dorée Camargo, da Associação Brasileira de Defesa Ecológica, anunciaram ontem que pretendem pedir o embargo judicial do evento, que já teve versões semelhantes em cidades como Florença, Sidney e Nova York.

— Isso é prejudicial à ecologia e causa poluição visual — diz Claudete.

Artista também inaugura exposição no CCB

Jenny Holzer também vai montar a exposição “Proteja-me do que eu quero” no Centro Cultural Banco do Brasil. O curador da mostra, Marcello Dantas, reagiu com bom humor à ameaça de embargo (“As pedras estão caladas há muito tempo, querem falar”) e garantiu que a obra não causa danos à natureza:

— Tanto que Secretaria municipal do Meio Ambiente apóia o evento. ■